

# **A NAVEGAÇÃO E O NOVO STATUS DO SUJEITO-LEITOR: A TECNOLOGIA COMO DETERMINANTE OU CONDICIONANTE DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DE SENTIDO**

**Tânia Flores Aiub**

[taniajfr@yahoo.com.br](mailto:taniajfr@yahoo.com.br)

Universidade Federal do Rio Grande do sul (UFRGS)\*

Língua, Hiperlíngua e Arquivo /Coord. Marisa Grigoletto; Rosely Diniz Machado

As questões que este trabalho levanta são paramentadas na reflexão sobre a perturbadora instabilidade que o agenciamento multisemiótico da estrutura hipertextual causa na cultura do texto impresso e linear, bem como sobre os novos gestos simbólicos que eclodem da relação homem-tecnologia. Os aspectos que procuramos debater, no recorte específico desta comunicação, pautam-se em dois pontos elementares: um que considera a ocorrência da implosão de informatização como perda do limiar crítico. Neste caso, encontramos-nos com Baudrillard, para quem as máquinas produzem uma operacionalização das idéias, uma manipulação que leva o sujeito a se fixar mais no espetáculo das idéias do que nas próprias idéias, de tal forma que a subjetividade apague-se pelo efeito de uma mecanização latente das formas de significar. Por outro lado, buscamos as considerações de Lévy, para quem as tecnologias são propulsoras de novas representações sociais, historicamente e culturalmente advindas do desenvolvimento histórico-técnico da sociedade. Tal contraponto possibilita lançarmos um olhar analítico sobre o hipertexto na ótica da AD e de suas questões de subjetividade, de leitura como gesto sócio-histórico, e, primordialmente, sob o enfoque dos processos de representação vinculados a um aporte de memória que ultrapassa as fronteiras da materialidade puramente lingüística e, no caso do hipertexto, puramente eletrônica.

---

\* Mestre em Letras – Especialidade Análise de Discurso pelo PPG-Letras – UFRGS/CNPq.

Os hipertextos representam uma problematização do pensamento logocêntrico ocidental, orientando-se pela perspectiva da conectividade e do agenciamento de informações em rede, o que implica o reconhecimento de uma transformação na relação do homem com as formas de comunicação. Não há linearidade, nem caminhos fixos a seguir, logo os sentidos passam da esfera do *fixo* para a do *fluxo* contínuo, ou seja, os sentidos podem ser muitos e estão sempre à deriva, em devir, conforme Lévy (2000) *Nosso “fazer sentido”, neste paradigma, foi transformado os conhecimentos se tornam obsoletos cada vez mais rapidamente. O saber-estoque é substituído por um saber – fluxo em aceleração constante.* (2000, p. 25).

Em *O que é o Virtual* (1999), Lévy define, de forma geral, no conjunto de seus escritos, o princípio básico da hipertextualidade: sua virtualidade, seu potencial de atualização, sem ligação a uma materialidade estática: *É virtual toda entidade ‘desterritorilizada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular* (1999, p. 47). O Virtual, nesses termos é *fonte indefinida de atualizações.* (1999, p. 48).

Torna-se clara, nesses termos, a força motriz da leitura em ambientes digitais, essencialmente binários em sua constituição, mas infinitos em possibilidades de associação. A essência da hipertextualidade está, para tanto, além do suporte mecânico (hardware e software), pois a informática por si oferece combinatórias que não problematizam em nada a questão do sentido. Isso é potencial, o(s) texto(s) existe(m) aí em potência. Não são as inúmeras possibilidades de associações que dão essência ao modo virtual de fazer sentido. A virtualização extrapola os limites binários quando é trabalhada pelo sujeito

Todavia, é no tocante à virtualidade que encontramos um ponto de debate acerca dessa nova relação entre sujeito e técnicas. É nas idéias de Baudrillard que vemos o virtual sob um outro aspecto, desenvolvido como generalização dos saberes e como suspensão da criticidade. Baudrillard (2002), amparando-se nos princípios de artificialidade que advêm das novas tecnologias, propõe que, com elas, estamos diante de uma mera circulação de informações em excesso, de uma codificação digital que nos faz muito mais indivíduos em interação artificial do que sujeitos em processo de intersubjetividade, uma vez que quanto mais o conhecimento entra em estado de profusão, o que é bem ilustrado na atualidade pela revolução informática, *menor a compreensão da existência*. (Ibid, p. 8). Discorrendo acerca da digitalização do saber e da informação, este autor, mesmo considerando a passagem do tátil ao digital um acontecimento essencial ao mundo contemporâneo, avança a possibilidade de que estamos imersos em uma realidade artificial de informação e comunicação, o que ele chama de *hiper-real: comunicação por simulação*:

A extensão incondicional do virtual determina a desertificação sem precedentes do espaço real e de tudo o que nos cerca. Isso valerá para as auto-estradas da informação e também para as de circulação. Anulação da paisagem, desertificação do território, abolição das distinções reais. O que até agora se limita ao físico e ao geográfico, no caso de nossas auto-estradas, tomará toda a sua dimensão no campo eletrônico com a abolição do tempo. O que entrevemos não é mais somente o deserto do trabalho, o deserto do corpo que a informação engendrará em razão de sua própria contração. (2002, p. 17-18).

Baudrillard chama a esse processo de um *feudalismo tecnológico*, caracterizado por um tipo de informação meteorológica que opera apenas por simulação virtual e não busca verdades, ancoragem real, gerando muito mais uma cultura de crença e de credibilidade na tecnologia do que de busca por certezas e por verdades reais e humanas. O virtual é colocado em tela por Baudrillard como apagamento da referência histórica, encoberta por uma imagem construída, por uma superficialidade que se

sobrepõe a sua dimensão real. Trata esse evento como “desrealização”: *Estamos em uma espécie de verdade fractal* (2002, p.45).

Para ele, as mídias produzem uma manipulação dos acontecimentos, dos conteúdos veiculados capaz de suspender a reflexão. Esta é uma das noções desenvolvidas por Baudrillard no tocante ao papel do homem pós-moderno para quem a informatividade acelerada auxilia a produção de saberes descartáveis que levam à perda da massa crítica. É como se a profusão de informações, a volatilidade com que estão e não estão ao alcance do sujeito o tornasse volúvel, a-crítico: *o ato de pensar é aí continuamente adiado* (2003, p. 60).

Esse diálogo entre duas formas de ver a virtualidade nos leva a buscar, do ponto de vista da Análise de Discurso Francesa, as relações de historicidade e interdiscursividade que agenciam os processos de navegação em ambientes digitais e, ademais, de percepção das informações que circulam nas novas mídias de comunicação. Questionamos, portanto, se não estaríamos, ao contrário de suspensos, resignificando velhas formas de lidar com a língua e com os saberes, historicizando-os com novos olhares? Nossos gestos e nossa forma de compreensão diante do texto devem ser repensados, visto que o que antes estava presente e legitimado sob a forma de uma centralidade organizadora, padronizadora das formas de ler e escrever, agora vive uma pluralidade de existências que produz, conseqüentemente, uma pluralidade de gestos interpretativos, visto que, essa textualidade digitalizada compreende outra postura do leitor diante do texto, pois atribuir sentidos, no espaço topológico do hipertexto, exige que o leitor autorize-se, digamos, a uma errância, a um vaguear. Uma aventura cognitiva de caminhar sem rumo. Envolve instaurarmo-nos na dispersão do sentido.